

este ano,  
ro.  
o Senhor  
anos de  
os que o  
Obra da  
último das  
orácio ce-  
a Piedade  
a Deus.  
agradecer  
ssim um  
minho da

Horácio

ISA

que nós  
s. Preci-  
s não ter-  
mos que  
expliquem  
a que o  
me uma  
ão ficar  
s leitores  
er pelas

ssas gen-  
uito. Só  
... Ainda  
le alto lá  
o, o «pri-  
elo prin-

portanto  
a dono  
«bado», é o  
ito baru-  
e alegre  
o sultão.  
gora, co-  
para dar  
cabe com  
á ele se  
a corrida  
úda que  
em di-  
deveras  
que não  
se veja.

As gentes  
dela a  
ando en-  
elas. Ain-  
e comer  
utros têm  
em a fi-  
e que os  
É ou  
murra?

Sejúlito.  
o em or-  
ilha? O  
usado...  
gos dos  
não cus-  
ica bara-  
e atrapa-  
arlos já  
ompadres  
mas por  
re muita  
ar de asa  
m. Todos

alegria de  
hor João  
logo que  
Ridicu-  
ama nu-  
que nos  
entos as  
Não se  
e abraço  
dor mais  
o Santos,  
Caldeira  
não nos

Lá va-  
nil. Por-  
compõe-  
s estima-  
e botem  
Não pos-  
s a pas-  
re certo,  
já enco-  
tirará a  
i sempre  
todo ja-

e muito  
pressa se  
l. Mãos  
a. Con-

Daniel



Visado pela  
Comissão de Censura

# O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



1 DE OUTUBRO DE 1960  
ANO XVI—N.º 432 Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## ÁFRICA

Luanda foi a primeira estação.

Nós não levávamos programa bem definido. Ao procurarmos estabelecê-lo foi que tomámos consciência da imensidão a percorrer. Tanta, que quase estivemos inclinados a reduzir o circuito, ganhando na profundidade dos contactos o que perderíamos em extensão. Demais, o próprio funcionário do Turismo superiormente encarregado de nos tratar dos transportes dentro da Província, nos assustava: «V. não são capazes de cumprir tamanha volta em tão pouco tempo».

Mas sempre fomos. Apenas um número se não cumpriu, e não por nossa culpa. Foi a visita à Diamang, onde são muitos os assinantes de «O Gaiato». Já de Lisboa eu ia prevenido da dificuldade de ali entrar. Mas tanta não cuidava! Sempre pensei que em Luanda haveria quem desse ordem. Como o dito funcionário do Turismo se esqueceu de pedir a licença com a antecedência precisa para se interrogar Lisboa, nós ficámos a olhar para o passaporte que nos dava direito a entrar em toda a parte do mundo menos na «cortina de ferro»... e na Diamang. Que os muitos assinantes de lá saibam a razão porque os não fomos ver.

Os dias de Luanda foram de muita azáfama: visitas, contactos com Empresas em ordem a empregos e a preparação do «contro» que tivemos com o povo de Luanda no cinema Restaurador.

Dia seguinte partimos para Uíge, a capital do Congo Português. O Director do Colégio Padre Américo, que ali nos recebeu, já em Luanda estivera connosco. Rapaz novo, simpático, cheio de fogo e dedicação. Enamorado pelo Homem e pela Obra, escolheu o nome de Pai Américo para o seu colégio. Mas eu tive ocasião de observar que ainda na fé e na audácia ele se mostrava bom discípulo de tal mestre.

Sentimo-nos em sua casa como se fôra a nossa, tão simples e cordial a recepção. Mas não só ele. Os seus alunos quiseram associar-se. E, de surpresa, prepararam-nos uma sessão muito familiar em que nos entregaram o sacrifício das suas migalhas.

Foi tão bom, depois da frieza de Luanda, este calor de afecto!

Uíge é cidade pequena mas graciosa e bem traçada. Alguns prédios de certo volume dizem-nos do que em breve iria ser,

se não fôra a baixa do café de Angola. Ali é o centro de uma das regiões grandes produtoras dele. Claro que quase todas as grandes fortunas que se fizeram,

são ainda. Com um bocadinho de sãdio atrevimento e melhor compreensão do destino social dos bens terrenos, o surto do progresso que ia sendo, escusaria de parar. Investimentos do que está imóvel poderiam produzir outras formas de riqueza, que se reproduzisse em trabalho estável para muitas famílias.

Demais, nem por ser ali o distrito português do Congo e estarmos em vésperas de independência no tão falado Congo, se notava qualquer perturbação ameaçadora da paz e da nossa permanência.

Aliás, em toda a Província encontrámos esta mesma nota de serenidade e de certeza, que um jornalista angolano explicou por estas palavras:

«A nós não é fácil pôrem-nos fora daqui. Até porque ninguém

(Segue para a página quatro)



**ONDE** quer que a clareza da verdade chegue aí temos os estremecimentos. Estremecimento profundo e longo ou leve e fugaz, mas estremecimento. Tem sido assim em todos os lugares onde me apresento com a carga das dores alheias.

Dez minutos bastam para entrar a fundo nas almas e abalá-las. Não só nas Igrejas, mas mesmo nos teatros e cinemas.

Verdade e angústia. Angústia da Verdade e de Justiça! Está o mundo de coração aberto para nos ouvir. Estão os espíritos ressequidos de fingimento e mornidão e ti-

## SETÚBAL

bieza. Somos recebidos e aceites como a melhor prenda caída do Céu. Bendito Deus, que a aceitação não vem de nós nem do que dizemos e muito menos da maneira como falamos e nos apresentamos. Outros, muito melhores, não são assim desejados! Trazemos Verdade e muita angústia e, se andamos sem angústia estamos fora do nosso lugar. Este lugar é de sofrimento. É de dor. É do Cristo Crucificado. As vezes andamos a arder.

Eu tenho aqui um montão de cartas. Elas são tantas vezes o meu livro de meditação! E eu quero meditar. E eu preciso de as meditar. E eu preciso que tu medites também e as dê a meditar a outrem. Medita e tira as conclusões que nós, se às vezes as tiramos, temos de as guardar só para nós.

Esta é duma cristã que sente na sua carne o agulhão da dor própria e a esquece para se dar à alheia. É tuberculosa e cancerosa. Já me criou um menino dos 15 dias aos 6 anos. É o Domingos.

Agora vem assim:

«Penso que o Dominguitos chegou bem senão alguma coisa teria dito. Confiado que não dirá um não ao

Continua na segunda página

## Aqui LISBOA

EM sido muito a medo que nestas colunas se fala da Tipografia do Tojal. Nem admira, pois se ela faz agora um ano... Mas é a altura. Nós não somos uma empresa comercial nem procuramos nas nossas oficinas rendimentos industriais. Nada disso. Nós somos uma Casa onde se vive, se pensa e se estimula para o amanhã. Uma Casa onde a par da formação interior, a mais difícil, se procura a profissional para veicular aquela. Se apenas uma das coisas seríamos falhados. Nem só o problema moral destas crianças. Nem só a educação profissional. Nem uma coisa mais que outra. Mas esta ajudando aquela.

Ora o que nos dá força é precisamente esta necessidade imutável de atingirmos o homem completo através da formação no trabalho. Daí o ser lei em nossa Casa, e ter as suas imposições rígidas, adentro do trato carinhoso, familiar e segundo a possibilidade de cada um. O nosso regulamento não é letra que mate. É antes alma, é energia palpitante a acompanhar, a animar cada qual na luta contra si mesmo.

Ora caros leitores, nós não somos uma Obra do Estado. Nem sequer vivemos amparados na ajuda justa que nos dá. Muito menos podemos esperar algo daqueles que nos procuram para resolver os casos sociais que lhes vêm às mãos, porque para nós o dinheiro de quem pede não é engodo que nos suje a consciência. Não. A nossa Obra existe porque Deus a impulsionou e arreigou profundamente no coração de Pai Américo e, graças a Ele também, no dos que hoje a continuamos. Nós não somos no sentido banal uma Obra de Assistência. Mais lógico seria Obra de Vivência. Porque passamos de facto a valer para a vida aqueles que cá vêm dar, para quem nós vivemos. Viver é o termo. Eles, os nossos Rapazes, procuram avidamente a vida no seu sentido completo e nós somos uma ajuda. Nós somos uma Casa familiar onde o Padre realiza uma paternidade mais perfeita e por isso mesmo mais autêntica que a dos pais destes Rapazes. Nós somos a concretização do amor social cristão. Um amor dinâmico, vivificado, enriquecido e orientado pelo amor a Deus.

E as vossas ajudas são actos cristãos, portanto vivos, palpitantes de amor e consequentemente meritários. Por isso mesmo Pai Américo não nos deixa aceitar heranças. Nem procurar soberbamente dinheiro onde ele abunda e é de pecado. A Obra da

Rua é verdadeiro altar de imolação, querida e desejada por quem quer purificar-se e elevar-se ajudando a elevar os outros. Não pode haver portanto em mim o dilema: ou esperar confiante, ansiosa mas resignadamente que me ajudem; ou bater em sobressalto às portas e depósitos do dinheiro.

Antes a Esperança que é cristã. Antes a resignação que também é valor espiritual mesmo que indique diminuição de acção. Quando o homem quer com o verdadeiro sentido espiritual, libertado de todos os outros interesses, a Obra faz-se.

A nossa Tipografia há-de fazer-se, a nossa Casa há-de fazer-se, os nossos rapazes há-de fazer-se — porque não há força maior que o amor a Deus a bem do próximo. A inquietação e tristeza dos nossos Tipógrafos por virem o trabalho sair-lhes das mãos mal apresentado e sujo; o desânimo do Cândido porque não pode comprometer a sua consciência aceitando trabalhos que não é provável saírem capazes; a minha aflição porque não vejo possibilidades. Segue para a página quatro

## Um Pensamento

A primeira lei da História é: Não ousar mentir.

A segunda: Não ter receio de dizer a verdade.

Além disso: Que o historiador, ao conjecturar, nem lisonjeie nem tenha animosidade.

Leão XIII  
(Carta Saepenumero, 18-8-1883)



Amigos leitores:  
Hoje venho dizer o que temos recebido dos nossos amigos, pois já há mui-

selos. Agradecemos que não se esqueçam de continuar a mandar. Os nossos agradecimentos a uma senhora D. Luisa que nos mandou muitos do Ultramar que renderam 200\$; e assim



# PELAS CASAS DO GAIATO

to que não se dá notícias e não está bem assim. Começamos pois a nossa precissão: de dois meninos roupas usadas, o que muito jeito nos faz. Por alma de Joaquim Venâncio 50\$. Da Senhora da Calçada da Glória, que tão nossa amiga tem sido, muitas vezes, muitas coisas boas de comer. Que Deus lhe pague. Da «Senhora das quintas feiras» idem; da Rua de S. Domingos por várias vezes, vários mimos para a nossa alimentação e boas roupas e fatos usados que são para nós uma maravilha. Alguém nos bateu à porta e ao abri-la entregaram-nos por mandado do Senhor Conde de Paço de Arcos um belo leitão assado que provocou uma chuva de alegria e nos proporcionou um riquíssimo jantar; mais roupas e retalhos. Tabaco para os doentes do Calvário, e 50\$ para ajuda do nosso jantar numa senhora amiga. Dum motorista nosso amigo que tem aparecido diversas vezes com 50\$00 e da última trouxe também batatas. Uma senhora veio ao nosso Lar entregar 800\$ dum aumento de ordenado para o que fosse mais preciso. Dum senhor da Emissora e grande amigo, todos os meses 50\$ e em Agosto mais 50\$. Extra para fruta. Mais uma senhora com 50\$; mais roupas e calçado usado de várias pessoas. 100\$ para a nossa colónia balnear numa senhora. Medicamentos. Para acudir à falta de lençóis veio uma senhora trazer-nos dois novos e numa grande amiga da Parede também recebemos algum pano para eles e várias coisas que sempre nos fazem muito arranjo. De duas senhoras roupas usadas, 70\$ e duas mantas de tiras muito bonitas. Uma delas está transformada em carpete na sala onde recebemos as pessoas amigas que nos querem visitar. Volto a falar na Senhora da Calçada da Glória, que nos mandou dois patos, uma melancia quase do nosso tamanho e várias coisas e ainda nos paga o transporte e nos enche os bolsos de coisas doces. Duma grande Amiga de Benfica géneros de mercearia e roupas. Queremos agradecer a várias pessoas que nos têm mandado

vou fechar a precissão lembrando alguém que quer ser sempre ignorada mas que nós não esquecemos pelo muito amor que nos tem e que manifesta pagando-nos o pão que comemos um dia no mês e de vez em quando um jantar melhorado que é sempre uma grande festa para esta rapaziada.

E pronto amigos leitores. Parece muito mas se pensarem bem o que são 17 rapazes na flor da idade cheios de apetite, graças a Deus, e parte deles ganhando ainda muito pouco, outros nada, já vêem que tudo não é demais. É preciso que Lisboa acorde e se lembre mais do nosso Lar e da Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal. Era até um belo passeio se quisessem visitá-la, neste tempo em que tanta gente só pensa em passear e muitas vezes gastar mal gasto os bens que Deus lhe deu. Não se esqueçam amigos leitores que é na Rua dos Navegantes, 34-R/C — Tel. 669451.

E cá ficamos à espera das vossas ofertas e carinhos. Um abraço de gratidão do,

Manuel dos Santos Gomes

## PAÇO DE SOUSA

TIPOGRAFIA: e seu aniversário. Foi uma reunião daquelas que só a nossa aldeia pode proporcionar. Muita festa, muito barulho, a merenda melhorada, a bandeira da fome astreada, discursos, demonstração dos mais pequenos que estão nela a dar os primeiros passos. Tudo! Até mais cedo se saiu da oficina! Também se saborearam os figos da Tipografia a quem muita gente tem feito caça. No fim da reunião que foi feita no escritório da oficina tiveram todos, os que quiseram, oportunidade de dar as suas opiniões e houve quem desejasse que esta data se repita por muitas vezes.

RINK: Sim, o de patinagem! É verdade, sim senhor, que está pronto. É que ouvimos dizer que os nossos

amigos leitores, têm as encomendas feitas para enviar os PATINS. Já está pronto e parece que há já alguns que andam de lado por causa dos poucos patins que cá temos estarem estragados.

ANIVERSÁRIO: Outro, mas este de Lisboa. No dia 19 abriu em Lisboa a Tipografia da nossa Casa do Tojal. Não sei como é que o Cândido andarà com ela, mas os nossos leitores vejam se descobrem. A Ela e a Ele parabéns, ou não sejam Tipógrafos...

De resto um abraço do vosso,  
Alberto Ramada

## MIRANDA DO CORVO

—OFICINAS: A oficina é a grande escola de preparação do rapaz.

É pelo trabalho que cada um de nós se há-de valorizar e tornar-se em cidadão útil, prestável à Sociedade. Por isso, eles necessitam do carinho de todos que estimulem os nossos jovens trabalhadores. Por tal motivo, lembro a todos os estimados leitores que qualquer trabalho que tenham de mandar fazer o enviem para as nossas oficinas.

Ainda agora o Senhor Padre Carlos, quando da sua viagem pela África, trouxe tantos pedidos para boas colocações dos nossos rapazes nessas terras africanas.

Infelizmente, ainda não temos rapazes bem preparados mas há absoluta necessidade de se prepararem e quanto antes, pois a hora é nossa.

Para que um rapaz se torne de facto competente em qualquer ramo de actividade, além de vocação, é necessário aplicação, mas para se aplicar tem de ter em quê.

Felizmente, as nossas oficinas têm tido trabalho, quase sempre, e é de todo o interesse que este nunca falte, pois além de elas serem fonte de receita, embora pequena, são sobretudo uma escola de formação profissional, uma preparação excelente para a vida que nos espera.

—Voltou novamente à nossa Casa de Miranda o «João de Torres Novas» com sua esposa e filhinha. Veio passar cá uns dias para pintar toda a Casa, para a tornar mais agradável e alegre.

A Maria do Céu, tal é a graça da sua menina, é a alegria dos pais e nossa.

É um novo rebento das Casas do Gaiato, uma neta da Ohra da Rua, hoje já tão aumentada e espalhada por todo o mundo.

É com grande alegria que vemos este e outros nossos irmãos, com lar constituído, cumprindo o preceito divino: — Crescei e multiplicai-vos.

Horácio

O nível de habitação é baixíssimo como o de quase toda a região duriense



# PATRIMONIO DOS POBRES

O silêncio há tanto tempo mantido não quer dizer que haja paragem.

Eu creio que um bocadinho de afrouxamento isso sim. Mas em compensação os «pequenos auxílios» àquelas famílias que empreendem a construção da sua casa e que a levantam com migalhas daqui e dacolá, migalhas de dinheiro, de materiais e de trabalho, as quais vêm até nós pelo telhado — estes «pequenos auxílios» têm crescido notavelmente.

Em todo o caso não há mês nenhum que a nossa agenda não tenha registado entregas de casas, às vezes em domingos consecutivos e assim se anuncia até ao cabo do ano, graças a Deus. E falo só das dioceses do norte; que das ao sul de Coimbra e Guarda, Padre Horácio tem dado notícias a seu tempo.

Foi em Abril, na semana da Páscoa, a primeira das voltas sobre que ainda nada disse. Com arraiais assentes em Fontelo de S. Domingos, visitámos Caria e Vila da Rua, da diocese de Lamego e dias após, saltámos o Douro, entre a Régua e o Pinhão e fomos a Donelo, paróquia anexa a Covas do Douro, ambas da diocese de Vila Real. Em Caria fomos encontrar levantada de pedra uma bela casa a que pensavam dar, por sobre o nível do sobrado, uma fachada de madeira, segundo o costume da terra, ao que parece, pois foram várias as casas que vimos da mesma sorte. Mas o pior é que a construção estava parada.

Ora nós só costumamos aparecer «ao telhado», justamente para evitar mais «capelas imperfeitas» com que ninguém lucra; mas ali ficámos mal.

Em Vila da Rua, eram duas casas para as quais havia promessa de terreno e já alguma pedra feita. Deus queira que as dificuldades do arranque tenham sido ultrapassadas e o bloco vá subindo.

Nesse dia descemos a Tabuação, onde cumprimentámos a Senhora do azeite e dali demos um salto a Covas do Douro. O povoado central desta freguesia fica num vale apertado e sombrio. As ruas muito íngremes e pedregosas, deixam imaginar a torrente de que são leito quando a invernia aperta. O nível da habitação é baixíssimo como o de quase toda a região duriense. Vi várias casas arruinadas e

outras em perigo próximo. «Ainda há dias — me dizia o Presidente da Junta — se deu cá outra infelicidade, que foi a de ter ruído uma casa onde viviam 5 pessoas, que tiveram todas de ir para o Hospital de Vila Real, sendo os locatários muito pobres» .....

E acrescenta: «O importante aqui em Covas do Douro era construir-se casas para os Chefes de Família rurais, para assim viverem condignamente....» .....

x x x

Donelo fica no alto do monte, banhada de sol, cercada de lindos panoramas. Uma primeira carta pusera-nos a questão: «Falo de uma aldeia transmontana onde a pobreza é grande e a falta de habitações, um problema». O Pároco confirmou. Eu prometi ir, mas demorei tanto que uma segunda carta um bocadito impaciente, veio recordar-me o urgente cumprimento da promessa.

Bendita impaciência aquela que mergulha as suas raízes no sofrimento do Próximo! Tanto respeito e confiança ela nos mereceu, que logo enviei 5 contos, pequenina achega para as casas que iam subindo.

Naquele fim de manhã, o vicentino (não sei se o é, mas a alma sim!) veio buscar-nos — a mim, ao Carlitos e ao Laranjinha — à beira do rio. O Morris ficou na margem esquerda. Uma barca transportou-nos à direita.

Pouco depois começávamos a visita às onze casas que estavam em construção. Vimos, trocámos impressões, assentámos critério. daquelas onze casas, uma era pouco aceitável; duas sofríveis; as oito restantes trabalhadas por largo, bem feitas, por terminar, é certo, mas em que tudo o que se fizera, definitivo.

Eu estava tão contente com aquele milagre de multiplicação, (Cinco contos apenas e onze casas telhadas! Oito que fossem!) — eu estava tão contente, que perguntei se era preciso mais e me dispunha a dá-lo.

Que não. Que se iria trabalhar mais e melhor e na ocasião de novo nos bateriam à porta.

Ora aqui está alguma resposta à pergunta que formulava há pouco (.....?) Se em cada terra, houvesse uma vontade forte e uma fé verdadeira, quantas montanhas de impossíveis se não arredariam, como em Donelo, à voz daquele vicentino (Não sei se o é, mas a alma sim!) que crê e quer!

Tornámos a descer à beira-rio. As ervas serranas enchiam de aromas o ar seco e são que respirávamos. O vale do Douro até à Régua e até casa pareciam-nos belo como nunca.

Obrigado a Donelo e ao seu vicentino; o qual ainda há pouco através da nossa África, tanta vez foi luz que eu coloquei no candelabro!

# SETÚBAL

Vem da página UM

que lhe vou expôr, tomo a liberdade de o fazer.

Há já bastante tempo que vem aqui um homenzinho dos seus 55 a 60 anos pedir esmola. Conheço-o de vista. É um cadastrado que já cumpriu de uma vez 5 anos, por outra 11... Tem um menino que vai fazer 3 anos e um outro que nasce por todo este mês. Pedi a uma senhora que me acompanhasse e dirigi-me ao Montijo. Encontrámos a mulher, no fim do tempo da sua gravidez, embriagada, não dizendo coisa com coisa. Perguntei-lhe pelo filho. Não sabia. Já na camioneta, apareceu-nos o homem e o menino. «Levem-me senão morrerá e eu acabarei agora com a minha vida».

Tenha pena de mim, que sou uma tuberculosa e cancerosa... Tenho aqui o menino; estará uns dias em cada lado, pois já pedi a várias pessoas para me ajudarem nesta obra de caridade. Não sei porque Deus me deu assim um coração, não podendo eu fazer nada...

Eu já disse que sim. Ele aí está. Foi alimentado desde os dois meses a sopas de vinho.

Ai a santidade do Matrimónio!... Ai os profanadores desta dignidade! Ai os responsáveis pela vingança destas profanações!

Eu não sei o que Jesus fará. Eu não sei o que dirá. Eu não sei como clamará, ou como vingará tanta omissão!

Medita diante de Cristo Crucificado pois só com o Senhor nesta posição podemos enfrentar o mundo.

Padre Acílio



# Campanha de Assinaturas

Agora, que já cá estamos, como é consoladora a recepção de notícias africanas!

Dizíamos na última crónica da Campanha, que o fogo não vai perder-se. E não vai! Ora prestem atenção. Eis uma devota conquistada em Salazar (Angola):

«Tendo o Reverendíssimo Padre Carlos, sucessor de Pai Américo, visitado esta cidade de Salazar, onde na Câmara Municipal falou sobre os princípios do «Gaiato», e seu progresso, eu fiquei maravilhada e ao mesmo tempo comovida, em saber tanta coisa que ignorava.

Era este um dos jornais que sinceramente, não ligava importância e que hoje lhe dispense a máxima.

Como o Reverendíssimo Padre Carlos, pediu aos assistentes para arranjam assinaturas, eu, até à presente data consegui 27, o que junto envio o dinheiro correspondente, assim como uma lista com os respectivos nomes dos assinantes e suas moradas.

Quanto ao envio do Jornal, agradeço com a urgência que couber no possível, pois já várias pessoas me perguntam por ele».

Oh carta! Oh sementeira frutuosa! Era este um dos jornais que sinceramente não ligava importância e que hoje lhe dispense a máxima. E porquê? É o Espírito Santo. «O Gaiato» só pode ser lido, compreendido e meditado por quem satisfizer o toque da Graça. De contrário, não! De contrário ele é um estorvo — porque revolucionário. E desde sempre assim foi e continuará a ser. Pois se Cristo era o escândalo naquele tempo, «O Gaiato», arauto-realizador da Mensagem Cristã, enjoea aos comodistas e oportunistas — para quem tudo está bem! Para quem o sofrimento imerecido do Pobre, e a Verdade, é um osso duro de roer!

Não fosse a guerra travada pelo Famoso desde que nasceu e como hoje a nossa mentalidade social ainda seria a mesma em muitos sectores da Nação!

Prezada amiga de Salazar (Angola). Os jornais já seguiram. E que todos os novos assinantes se encham da mesma fé e do mesmo entusiasmo. Já várias pessoas me perguntaram por ele. Ótimo! Graças a Deus!

Agora mais outra carta. Vem de Sá da Bandeira — que tão bem nos recebeu! Ei-la:

«Amiguinhos

Primeiro que tudo peço-vos, que me desculpem de vos dirigir, escrevendo-vos à máquina, mas as circunstâncias assim obrigam visto que agora ando a praticar para depois me empregar como dactilógrafa.

Quem não trabaça não manduca, assim dizia o Reverendo Padre Carlos quando da sua estadia nesta cidade angolana. Eis-me a praticar!

É já enorme a minha simpatia por vós! Amo-vos com um sincero Amor de irmãos muito queridos.

Venho por este meio pedir-vos uma assinatura do vosso tão salutar jornalzinho. Não tenho com que vos ajudar por enquanto, mas no entanto assim que esteja empregada, serei uma fiel pagadora da vossa amizade que estou certa já a possuo.

Para todos um abraço da irmã muito amiguinha».

Perante notícias assim, que havemos de fazer e dizer? Bastaria só isto — graças a Deus! Mas o espírito de fraternidade tão expresso na carta é de um valor incomensurável. Ele diz bem de como a Mensagem pregada foi ouvida e está sendo realizada com tamanha devoção.

Independentemente destas duas amostras, provas irrefutáveis de como os portugueses de África atingiram o rubro, não podemos deixar de informar outras notícias agradáveis. Diz Avelino que durante a nossa estadia em Moçambique foi recebida uma longa lista de assinantes de Silva Porto. Senhor Padre Reis não teve tempo de perder tempo — mandou logo a colheita! E estamos certos que há-de tornar com mais e mais.

Um nosso amigo de Nova Lisboa também não descansou nem descansa. Acabamos de receber uma carta com 28. Foi tudo o que pude arranjar, para já, esperando contudo em breve enviar mais, diz a carta. Ficamos ansiosos por mais notícias. E faça favor de acordar a gente de Nova Lisboa!

A procissão continua. O nosso Fernando Inácio, ora linotipista no ABC de Luanda, depois da nossa estadia em Angola, foi abordado por um antigo jogador da Académica de Coimbra, que lhe confiou uma lista com 13 deles.

E ainda não fica por aqui. Precisávamos de um jornal inteiro para dizer quanto vai na nossa alma e mais ainda na dos devotos que por lá deixámos. Lourenço Marques e Beira seguem de mãos cheias. Porto Amélia, triste por lá não irmos, nem por isso desanima. Anda lá a revolução da Campanha, encetada pelo Senhor Artur Ferreira. Que seja bem sucedido. Alto! Para finalizar, temos aqui uma lista dos Açores com 26 deles!

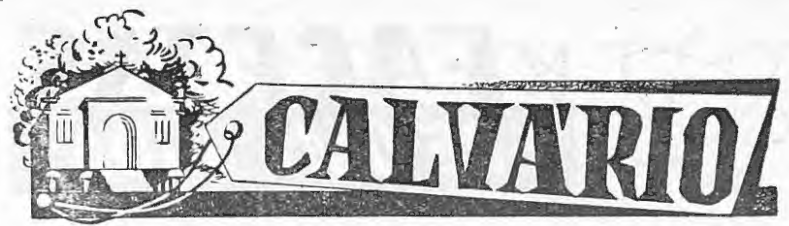
E até à próxima, se Deus quiser.

Júlio Mendes

Trago aqui desfile grandioso de muitos que têm amado os doentes do Calvário. O que cada romeiro deixou é segredo que convém esconder ao mundo, não vá este dar a paga que só o Pai Celeste condignamente pode dar. O quanto cada um deixou não vai, pois, aqui, nem é preciso.

A razão porque o fizeram, isso sim. Saibam-na todos: a presença de Deus nos nossos irmãos doentes. Sòmente esta verdade explica e justifica tanto sacrifício e renúncia. O mundo gosta de imagens. Diante delas formula promessas, acênde velas, dispõe donativos. Mas, fica-se por aqui e muito satisfeito. Ora, Deus não tolerou a imagem de Si mesmo ao Povo eleito. Proibiu-lha, não viesse este adorá-la esquecendo Aquele de Quem seria pávida semelhança. Deus é Espírito e não natureza morta. Por isso rejeitou imagens inertes, quase sempre aliciantes. Mas porque é Vida e Luz, Deus quis e quer imagens vivas e palpitantes que somos nós. Todo o Homem é imagem palpável de Deus: aquela que melhor O traduz aos sentidos humanos. A presença do sobrenatural no natural é facto incontestável. Nós somos testemunhas da fé de multidões de apaixonados por Cristo doente em Seus membros. O desfile é longo, mas quão alta a fé e intenso o amor de quem ama e crê!

São visitantes do Porto. Entre eles a entrêvada que se des-



loca propositadamente ao Calvário para ver os de igual situação. São as senhoras da sexta-feira com bolos, muito carinho e constância. Emília de Lisboa uma e muitas vezes, presente. Rapariga do Porto comovida com quem sofre. Mais duas senhoras igualmente do Porto. Outra a rogar a conversão do irmão. Esta é inglesa e não é católica. Mas quão pertinho de Cristo! Agora: o pecador de Ovar; a mãe que muito sofre a pedir a paz para o lar da filha; alguém do Porto; Avelino de algures e outra senhora do Porto com ânsia de aliviar as cruéis dores do doente que mais sofre, por aqui.

Dois irmãos unem-se em Cristo agonizante e com valente renúncia de si mesmos. Se ao mundo fosse dado avaliar esta doação, como havia de se espantar! Mas não. É em segredo! Mais visitas. E mais duas irmãs unidas.

Alfacinha reparte com o Calvário largas dezenas de escudos. E nós aceitámo-las em silêncio. E nesta atitude assistimos à chegada de anónimos: Senhora de Angola, tripeira, serrana de Celorico, M. A. S., pecador,

Cândida, Noelistas do Porto, a LOC de Ermezinde, doente de Lisboa com presença mensal, sacerdote, criada de servir em acção de graças, e tantos que nem o rosto mostram. Mais uma viúva, A. L. de Lisboa, e muito cêrtinha todos os meses a humilde portuense. Vêlbinha pobre renuncia a folar para com ele aliviar os doentes. Heroísmo? Talvez. Criada de Tortozendo. Pecadora com lençóis. Mais alguém que agradece ao Senhor ter vivos os pais. Este vem com o aumento de ordenado. Aquele com carinho. Este diz-se Américo, aquele A. C. Viúva de grande amigo de Pai Américo associa-se ao dar de tantos. E com ela a simpatizante portuense, a pecadora que pede desculpa de dar pouco, a doente para doente, em regular visita mensal, Raúl do Porto, Olímpio não sei donde, Carmen a pedir a conversão da família e anónimos de muitos lados. No Espelho da Moda escondem-se muitos deles e alguns com avultadas somas. Como há quem saiba dar!

Mais alguém pede orações. Pobre alma que tanto sofre valoriza o sofrer amando os que sofrem. Grupo de funcionários do M. do Ultramar manifesta especial afeição pelo Calvário. Igualmente este sacerdote da Guarda, A. A. M. de Coimbra, alguém por nome Júlia, vêlbinha doente, assinantes deste quinzenário, admiradora do Porto e «quem mais quer à Obra da Rua». Avó pede a benção para os netos. Alguém a felicidade para os filhos. Doentes as orações dos nossos doentes. Humilde portuense a saúde do bom marido. E mais outra mãe a pedir pelo filho. Alguém «sem importância» valoriza-se aqui. Duas irmãs muito amigas irmanam-se mais nestes doentes. Maria vem «com todo o meu carinho».

Pedem-nos que recebamos migalhas de Felgueiras, de Mafra, da Avenida de Roma, da Igreja de Cristo-Rei do Porto, de uma portuense qualquer que não se cansa de vir aqui todos os meses.

Mandam-nos aceitar actos de renúncia em sufrágio, pela conversão de irmãos, pelas melhores de uma irmã, «pelo meu sofrimento», para alívio dos doentes.

Há quem queira construir uma casa no Calvário e vem logo com metade do preciso. Da Rua Miguel Bombarda do Porto vêm com a mesma intenção e entregaram escondido num livro o valor de outra casa.

Bragança vem com roupa. Portalegre a pedir orações. O Carvalhido para ver e amar. E o Porto mais a capital também comparecem com roupa e com donativos. Vem Leça do Balio. Santarém agradecendo ao Senhor o bom êxito da operação cirúrgica. Belas. Corgas. Chaves muito triste por dar tão pouco. S. João da Madeira.

(Continua na 4.ª página)

## Filhos de pai incógnito

«Não quero que o meu filho venha ao mundo nas mesmas condições em que eu vim».

É um dos nossos que assim fala, procurando remediar um passo dado em falso. Depois da queda o remédio. Este «não quero», significa a dor que ele próprio experimentou e ainda experimenta — por via das condições em que fôra lançado no mundo. Nasceu sem pai, e não quer que o filho venha a saborear a mesma crueldade. Por isso quis que se realizasse o seu casamento antes que o fruto do seu pecado viesse à luz do dia. Ele sabe quanto lhe custou estar registado sem nome de pai, e o que tem sofrido por não sentir o seu braço a guiá-lo. Sabe, e quis evitar ao filho esse martírio, do qual ele seria o responsável.

Depois da queda, urge curar a ferida, o que nem todor têm a coragem e o carácter suficiente para fazer. Tomam-se as facilidades que a sociedade dá, e fazem-se vítimas e roubam-se honras a troco de uns míseros tostões, ou de palavras enganadoras dum amor que não existe. Como são mal acatadas as Leis do Matrimónio! É mais fácil guiarmo-nos pelos instintos. O prazer é que vigora na nossa mente.

Que importa mais uma vítima na Sociedade se as cadeias e as casas de prostitui-

ção estão de braços abertos para as acolher?

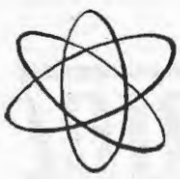
Que consciência esta que não vê os sepulcros que abre às suas vítimas!

A dignidade do homem está vendada e não tem reparado na mancha que desfeia o País Católico e Civilizado. Assim como Pai Américo evitou muitos gatunos e muitos crimes, indo à rua buscar crianças rotas e famintas, assim tu farás para diminuíres as cadeias e casas de prostituição. Se tu vivesses dentro de ti a dor e a experiência de quanto custa nascer sem o amparo do pai, e sem o seu nome, como este nosso rapaz, também dirias com as lágrimas nos olhos: «não quero que o meu filho venha a conhecer a desventura que eu conheci». Isto disse um que foi lixo nas ruas por onde passamos indiferentes à dor e aos sacrifícios alheios. Um rapaz saído da lama, a ensinarmos a resgatar as nossas faltas.

Se tu, amigo leitor, me ouves, não demores a fazer público os teus projectos. Olha que estão a nascer mais filhos sem pai, e andam à deriva por aqui e por ali mulheres que se escondem enganadas. Não esperemos que as raízes espalhem mais rebentos. Quem dera que o «zum-zum» que já ouvi, se realize depressa!

Ernesto Pinto





Continuação do número anterior

Com referência ao catolicismo do qual se apartam os protestantes e muita boa gente, — realmente de nada serve ser bom católico se primeiro se não é bom cristão. Ouça Jesus aos doutores da Lei de Moisés, demasiado ciosos do cumprimento exterior da Lei: — «Ai de vós, doutores da Lei, que limpais o que bate por fora, mas o vosso interior está cheio de rapina e iniquidade. Ai de vós, que gostais de ter as primeiras cadeiras nas sinagogas e que vos saúdem nas ruas. Ai de vós, que sois como os sepulcros que não aparecem, sobre os quais andam os homens sem os conhecer. Ai de vós, que atais cargas pesadas e incomportáveis, e as pondeis sobre os ombros dos homens, mas nem com um dedo as quereis mover». E noutro lugar diz assim: «Não é digno de mim o que bate no peito dizendo: Senhor, Senhor; mas sim o que cumpre os mandamentos— esse é digno de mim». Ouça S. Paulo aos Hebreus: Agora, irmão, não vale a circuncisão da carne.

**Calvário** Cont. da 3.ª página  
Lourenço Marques a repetir-se todos os meses em memória de quem partiu sofrendo. Famalicao. Luanda. Pardelhas. Coimbra. vibrando intensamente. Lisboa querendo aliviar a cruz dos doentes. Penamacor. Faro. Foz do Douro. S. Mamede de Infesta. Outra vez o Porto a querer muito aos cancerosos. Gaia. Rio Tinto louvando ao Senhor. Recife do Brasil ama também os doentes do Calvário. Gerales. Viseu a pagar promessa. Lisboa em sufrágio de Augusta.

Assinantes marcam presença. Amigos no 23.º aniversário de casamento «para que o nosso lar seja integralmente cristão». Maria do Resgate pede pelo filho. Alenquer manda uma gota de sangue. Lisboa faz outro tanto. Alguém faz promessa vitalícia de vir todos os meses. Uns ofertam cobertores; outros amêdoas. Outros ainda: «Que só Deus seja testemunha do meu dar». Muitos agradecem o bem que os doentes lhe fazem. E. A. C. lembra-se muito do Calvário. Nas Janelas Verdes em Lisboa anda alvoroço. Da R. do Paraíso vem pequena esmola. De Gaia uma maiorzinha. Do Alandroal entusiasmo. E sem morada «parte da lembrança dos meus anos». E com igual proveniência um cheque, mais carta de humilde criatura.

Somando tudo, vejamos o total: Escudos 96.121\$50.

A justiça humana que também comparecer. Dissemos-lhe que não, porquanto a achamos injusta, mas que aguardávamos a hora em que ela realize melhor aquilo que apregoa ser. Aceitar cinco mil escudos era ser conivente com quem frustra a justiça.

Padre Baptista

(ainda hoje, como sabe, se circuncidam todos os judeus) nas sim a do espírito».

Segue-se, pois, que o bom católico tem que ser primeiro bom cristão. O merecimento do nosso grémio sobre o dos Protestantes, é que nós somos unidos, obedecemos a um único chefe, enquanto que eles interpretam a lei a seu modo o que é sem dúvida mais cómodo e por essa razão está dividido numa 80 seitas! Invoco outra vez o plano natural da vida, para lhe fazer ver que o catolicismo é mais meritório. Não préza V. muito mais o empregado que faz prontamente o que V. manda, do que aquele que, embora com acerto, faz o que mui bem lhe parece?

É simplesmente admirável a organização da Igreja Romana e eu estou convencido de que homens do quilate de Marden, se tivessem conhecimento da sua constituição intrínseca, haviam de ponderar seriamente o que dizem, quando atacam a Igreja de Roma.

Erros? Sim; muitos e muito grandes, em todos os tempos e por muitos de seus chefes responsáveis. É positivamente um mau princípio, o que muita gente ainda hoje usa, procurar esconder graves erros da Igreja, no que apenas se mostra a ignorância dos homens e nada mais. Eu jamais o farei. Na leitura dos Evangelhos, coligimos facilmente a fundação divina da Igreja, entregue então a Pedro e seguida até hoje pelo mesmo chefe. Mas ainda que não coligiramos, tínhamos uma prova que resiste à mais profunda especulação: a luta dos inimigos de sempre, o que é muito, e o descrédito dos seus filhos, o que é mais.

Dogmas? Sim, e impenetráveis. Isto seria uma razão para desde já abandonarmos a Igreja e procurar um campo de luz, se o dogma fosse um processo prático de resolver o que se não entende; mas não é assim. Note bem, N.; não é assim. A Igreja fecha-se por vezes em dogmas quando a sua matéria é inacessível à inteligência humana. Rodeia os assuntos até onde pode alcançar; verifica que o dogma não contenha matéria que repugne à nossa razão nem contende com a constituição intrínseca das coisas,—e depois enuncia-os São estes os chamados mistérios da religião, que os racionalistas repudiam, sem no entanto serem capazes de explicar o mistério da formação de um grão de areia, da lei moral gravada no coração de todos os homens, das constelações do firmamento!! Não tenha medo destes mistérios, S.. Só os parvos é que sabem tudo. Só os ignorantes é que não têm dúvidas.

Tenho dito. Quem dera que estas minhas pobres regras caíam no seu espírito com o mesmo calor com que saíam do meu.

Américo de Aguiar

## PEDITORIOS

Nós também temos duas épocas de os fazer. De inverno é nas igrejas das cidades que têm uma Casa do Gaiato a servi-las. De verão, voltamos às Termas e Praias e outros centros de recreio, lembrar que: se nem só de trabalho vive o homem, mas também de repouso, há deles — e muitos — que nem por não terem trabalho — ou o terem deficiente — têm repouso, pelo menos o repouso do espírito, impossível a quem não vê assegurado o pão de cada dia.

Assim costuma ser os mais anos; assim tem sido. Padre Horácio ainda o número passado dava notícias. Mas creio que não disse da sua alegria por ter entrado na Paroquia da Figueira onde nunca tinha falado um «padre da rua». Padre Acílio lá anda ao sul do Tejo. E Padre José Maria contava também no derradeiro «Aqui Lisboa» de como foi pedir a poucas igrejas e de como o não deixaram ir a muitas outras.

Na zona norte é que a greve foi total. A Espinho e à Póvoa nada se tentou para ir. Na Granja, sim. É que a Granja foi o primeiro púlpito de Pai Américo-«recoveiro dos pobres». Desde a primeira vez nem um só ano passou que lá não fosse um de nós.

Em 1956, até, foi de lá que quase nos impuseram ir, sob pena de melindre. E fomos!

Pois este ano quebrou-se a tradição. Temos pena por ser a tradição que é. Teríamos ido nem que fosse preciso deixar tudo para as obras sociais de lá. Era a tradição! Pois não fomos!

## CASOS DO MOMENTO

O nosso método é activo e assenta na auto-educação dos rapazes. Orientado pelos seus superiores ou estimulado pelos seus companheiros, o rapaz procura aperfeiçoar-se. Aperfeiçoando-se, adquire bons hábitos e serve de modelo aos outros, contribuindo assim para a harmonia do nosso pequeno mundo. Os rapazes educam-se e dão bem conta da sua missão.

Os «condes» da Casa 1 orgulham-se de ter no seu «condado» o mais romântico recanto da aldeia. Há dias o Gatito atirou porcares para dentro do lago daquela belo jardim e recusou-se a remir a sua má acção. D. Daniborga e D. Soarez, sentindo-se lezados, pegaram nele e lançaram-no de cabeça à água à laia de torpedo. E, enquanto não fez as suas pesquisas e não tirou para fora o tesouro, não saiu. Não foi preciso aprender a castigar. O processo foi intuitivo. Um banho serviu de exemplo e recompensou a falta, pois ele já é um homenzinho.

x x x

x x x

Bailes e bailinhos. É um mundo. Basta aparecer o Zêquita a tocar a concertina para termos um grão bem batidinho. Frei Simeão também folga connosco e até o Sepadre Carlos há dias queria experimentar. Porquê? Verdadeira alegria e divertimentos são só ao som da sanfona do Zêquita.

x x x

O Senhor Conde Tomaz meteu obras na sapataria. Vela e procura o progresso da sua oficina. Arquitectou um halcão e o movimento do calçado é mais rápido e perfeito. O freguês bate e é logo aviado.

Quando o rapaz adquire um

# AFRICA

Vem da página UM

nos ensinou o caminho para cá!...

Apesar da menor cotação do café, várias pessoas convencionadas de que nós tínhamos empreendido viagem ao Ultramar em busca de dinheiro, nos aconselharam a não deixar Uíge sem visita. Ora não foi por isso que lá fomos. E se fôssemos, a nossa valéria nos ensinava que não valeríamos a pena ir onde o dinheiro é mais volumoso. Esta viagem, mesmo, confirmou a velha experiência: As terras mais pequenas e mais modestas de recursos, foram as mais generosas no dar. E tanto, que até em valor absoluto bateram o record, deixando aos maiores centros — Luanda, Nova Lisboa, Lobito, Benguela... — os primeiros lugares a contar do fim.

Uíge recebeu-nos muito bem. O encontro que realizámos no Cinema da terra foi muito emconcorrido e quente que em Luanda. Muitas migalhas e as respectivas legendas disseram-nos de quanto tinha rasgado os corações dos que ali estavam, a revelação dos sofrimentos de tantos irmãos nossos. Porém, aos maiores senhores do sítio, não os lobrigámos.

Deixámos Uíge com saudade. Antecipámos um dia o regresso, para, em lugar de pelo ar, fazermos a viagem por terra.

Foi um camião petroleiro que nos deu boleia. Foram 12 horas para vencer os 400 quilómetros que separam Uíge de Luanda.

A estrada Uíge por Luanda bonitos, em grande parte por entre fazendas de café. Casinhas muito portuguesas, muito jeitosas, de 10 em 10 quilómetros, diziam-nos que por ali devia haver um cantoneiro. Devia... mas não há. E é pena, porque as casas estragam-se fechadas e a

estrada arruina-se de abandonada ao tempo.

Encetámos a viagem cheios de optimismo. No fim já era com um bocadinho de esforço que o mantínhamos — de tanto salto, de tanto tranbolhão sofrido aquelas 12 horas.

O motorista, bom e alegre companheiro, para nos animar, ia dizendo: «Isto agora está uma pista! No tempo da chuva é que é!» «Olhe, aqui estive de uma vez três dias enterrado!» E mais adiante acrescentava: «Outra vez juntámo-nos aqui trinta camionetas e carros sem poder passar».

Nós sorrimos com o seu sorriso. De facto, um motorista aqui tem de ganhar uma certa filosofia para não desanimar. Quando a gente se lembra do drama de um furo em uma das nossas estradas metropolitanas... sentimos a noção ridícula e ficamos a apreciar melhor homens como este que faz pelo menos duas vezes por semana esta viagem de ida e volta.

Chegámos a Luanda às 11 da noite. Eu trazia um braço vermelho de pancadas. Júlio gemia com dores nos rins.

Maç vínhamos contentes com aquela pequenina mortificação — preço de um princípio de conhecimento do que é África e dos sacrifícios que ela espera de nós para ser nossa.

**Aqui Lisboa** Cont. da pág. 1 de remediar o mal (A máquina nova custa 214 contos) — tudo isso há-de acabar. O dinheiro há-de aparecer. Havemos de ter uma ou duas máquinas. Tudo Porque Deus é o Senhor que não falta a quem se compromete com Ele.

Padre José Maria

bocadinho de consciência e olha por aquilo a que chama seu é um triunfo. Na nossa economia caseira tem muita importância o zelo que cada um põe no que lhe compete e porque Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

O Tomaz deu o exemplo! Que bom!

x x x

O Sepadre Carlos fez anos. Houve grande alegria e os rapazes foram cordiais nas suas manifestações.

De manhã Missa de Acção de Graças e à noite reunião de família e jantar melhorado.

A Se Dona Ana ofereceu um bolo com velinhas acesas e o Senhor Padre Carlos vai ser muito feliz porque as apagou todas só dum arzinho.

Os rapazes botaram discurso e apresentaram os seus parabéns.

Ele é o nosso Pai e merece bem a alegria e gratidão que procuramos tributar-lhe.

Parabéns ao Sepadre Carlos e muitos anos de vida.

Lita